



José Gabriel Ávila*

A Ilha das pedras negras

Quebrando o silêncio da madrugada, um melro que passou a noite numa faia muito antiga, dá o sinal de alvorada. São sete da manhã, em ponto.

No horizonte, o sol faz-se anunciar, pintando de alaranjado o céu de agosto. Aos poucos a vegetação ganha intensa luminosidade, esbatendo o verde carregado das faias e incensos e as paredes negras dos currais de vinha. Paira no ar deste recanto da ilha um doce perfume a uva madura.

Ali ao lado, desenham-se os contornos bem vincados das ravinas de São Jorge e, ao longe, a Ilha Terceira ganha a relevância de senhora do grupo central.

Este é o quadro, mal pintado, de um pintor naife, sem escola, que se deslumbra, dia após dia, com a beleza que esta Ponta da ilha do Pico lhe oferece.

A sua centralidade triangular assume uma importância que, aos poucos se afirma e confirma no contexto insular.

O Pico não é só a Montanha que, de vez em quando, se esconde dos olhares curiosos, nem o monte enorme que atrai cada vez mais alpinistas, do cimo do qual releva a sua dominância, nunca conseguida, nem consentida, sobre esta parcela do oceano e do espaço.

O Pico é um “monstro adormecido”, como já lhe chamaram. Mas é, sobretudo, um imenso espaço de devaneios, onde a beleza e a liberdade se constroem nas pedras roladas da costa, no arvoredado abandonado das encostas inacessíveis, no casario cada vez mais silencioso das povoações, na imensidão de aves que se assenhorearam dos campos, nas rochas altaneiras onde as cagarras fazem orgias noturnas.

Só quem anda por aí, sem pressas, observando a variedade da natureza e a vivência das gentes, tão diferentes no falar e no estar, obtém um conhecimento mais aprofundado que o dos panfletários prospectos turísticos.

Há dias, um simpático casal de turistas do continente constata que a temperatura da água do Poceirão da Manhêna é mais quente que a das praias algarvias e lamentava-se de no dia seguinte ter de voltar a casa, após uma semana num típico alojamento local.

Há, porém, quem tenha optado por viver aqui, teletrabalhando em ofícios que as redes digitais e a sociedade da informação proporcionam.

Esta é uma consequência benéfica da pandemia que desacertou as tradicionais regras laborais. Outras virão. Todas elas dependentes das potencialidades que a sociedade da informação irá proporcionar, revolucionando os fatores produtivos, a economia, as conceções urbanísticas vigentes e a própria geografia e cultura humanas.

É um mundo novo que aí vem e que trará mais benefícios a estas

“Ilhas desconhecidas”.

Acredito que a descoberta de zonas mais afastadas dos centros urbanos, onde a natureza se sobrepõe ao betão, o ar puro irradia saúde e bem-estar, e a vizinhança proporciona a familiaridade e o convívio, irão surgir vantagens comparativas e mais apelativas a quem pretenda conviver com o silêncio e a paz.

Tudo isto tem esta ilha, numa visão otimista. O que lhe falta – e são questões basilares onde se destacam os cuidados de saúde – serão os forasteiros a exigir, pois os naturais são conformistas, embora tenham a consciência de que carecem de mais direitos do que os que lhes são concedidos.

Na idiosincrasia do picoense integra-se também a cultura da segunda pátria, do país que lhe deu fartura e fortuna. Normalmente esses bens traduzem-se numa arquitetura de quase mansão que se destaca no meio da paisagem.

Há cada vez mais emigrantes e recuperarem antigas casas degradadas em pedra trabalhada, seja por imposição da Paisagem Protegida da Vinha, seja para preservar memórias antigas.

No norte da Ilha, entre Terra Alta e Madalena, tem-se vindo a registar um aumento de construções em pedra, seja para residência própria, seja para alojamento turístico.

Há dias, entre o Cabrito (S.ta Luzia) e a Barca (Madalena), encontrei dezenas de casas recuperadas e construídas em pedra, obedecendo ao negrume da paisagem da vinha. Sobre as rochas altas, junto a mar, os visitantes circulavam a pé, como judeus errantes numa paisagem edificada por vulcões adormecidos há milhares de anos e, de vez em quando, abalada por sismos fortuitos.

Ainda por lá se conservam poços de maré e cisternas desintegradas das pequenas adegas para aparar as poucas quantidades de chuva.

O vento e o mar, naquelas zonas, são mais fortes e frequentes no inverno. Por isso as paredes dos currais foram moduladas para resistir às investidas dos ventos predominantes e ao rossio da água salgada que afronta os figueirais e os vinhedos.

Quão diferente é o verão naqueles lugares da costa picoense: calor intenso, céu azul e a ilha sempre em frente (São Jorge ou Faial), num cenário deslumbrante que enleva qualquer visitante e o convida a regressar e a ficar.

É assim o Pico, nestes meses de verão solarengo: uma ilha imensa de mistério e “mistérios” onde se esbanja liberdade e se entranha a beleza de uma natureza rude e frondosa, criada nas pedras negras de um corpo adormecido.

*jornalista c.p. 239



Lugar do Cabrito,
Sta Luzia - Pico